

# FILOSOFIA COMO EXPERIÊNCIA DO PENSAMENTO

**PEREIRA, Marta Regina Alves**

Mestre em Educação. Professora do “Projeto de Filosofia com Crianças e Jovens”, na Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia.

**DINIZ, Gláucia Costa Abdala**

Mestre em Educação. Professora do “Projeto de Filosofia com Crianças e Jovens”, na Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia.

**MENEZES, Lúcia Helena de Paula**

Mestre em Educação. Professora do “Projeto de Filosofia com Crianças e Jovens”, na Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia.

**Resumo:** Pretendemos com este artigo, apresentar uma reflexão sobre o sentido da filosofia enquanto experiência do pensamento. Procuramos desconstruir a idéia desse saber como um conceito unânime e convergente, admitindo o seu caráter múltiplo e controverso. Para isto, recorremos a autores como Michel Foucault, Gilles Deleuze e Felix Guattari que nos apresentam a filosofia, especialmente, como crítica e criação.

**Palavras-chave:** filosofia, experiência, crítica, criação.

Mas, o que é pois a filosofia hoje em dia – quero dizer a atividade filosófica - , se não o trabalho crítico do pensamento sobre si mesmo? Se não consiste, em vez de pretender legitimar o que já se sabe, pretender saber como e até onde seria possível pensar de outro modo?

Michel Foucault, 2003

Mais do que um conteúdo a ser transmitido, a filosofia como nos apresenta Foucault (2003) sugere uma determinada postura frente à vida, ao aprender, ao ler. Não a tomamos como um conceito unânime, integrado, convergente. Daqui decorre uma noção de filosofia múltipla e, portanto, aberta aos conflitos que surgem dessa multiplicidade, podendo ser associada a palavras como questionamento, controvérsia, pluralidade, inquietação, desassossego. Desse modo, instiga à reflexão, não se preocupando em instruir os sujeitos em nossa forma de entender o mundo, mas em propiciar um espaço de liberdade para que eles pensem a realidade com o auxílio do diálogo filosófico. Isto implica em uma ênfase na discussão, em compartilhar idéias e experiências, em promover um processo de (re)construção coletiva do conhecimento e em lidar com as diferenças, os desacordos, as dúvidas, o inesperado.

Além disso, a Filosofia pode ser vista como uma “atividade do pensamento” que o outro não pode fazer por nós e por isso torna-se uma experiência ímpar, irreprodutível, intransferível. A palavra experiência requer um cuidado especial quando nossa intenção é tornar menos nebuloso o sentido de filosofia que abraçamos. Na referida experiência do pensamento “cada sujeito da experiência estabelecerá uma relação própria com o pensar e haverá assim uma possibilidade de formação e transformação do que se é” (LARROSA, 1998, p. 24).

Nesse sentido uma experiência do pensamento “é um movimento do pensar que atravessa a vida de quem a pratica” (KOHAN, 2000, p 31), e portanto, há riscos. Referindo-se à atividade do pensamento, Deleuze (2000, p. 31) diz:

admite-se facilmente que há perigo nos exercícios físicos extremos, mas o pensamento também é um exercício extremo e rarefeito. Desde que se pensa, se enfrenta necessariamente uma linha onde estão em jogo a vida e a morte, a razão e a loucura, e essa linha nos arrasta.

Assim como um garimpeiro à cata de pedras preciosas não tem garantia de encontrá-las e arrisca a própria vida ao buscá-las, o sujeito que se entrega à experiência do pensamento descobre que não há mapeamentos de percursos seguros a serem seguidos, mas apenas a possibilidade que ocorra um acontecimento.

Porém, como reconhecer o acontecimento filosófico? O que o diferencia de outros pensares ditos matemático, antropológico, sociológico...? Sem querer alcançar todas as respostas possíveis a esta questão, podemos dizer, que a filosofia pergunta, interpela, duvida dos saberes constituídos. Não há afirmação alguma que não possa se transformar em questionamento pela Filosofia. Além disso, o pensar que caracteriza a experiência filosófica possibilita maior autonomia do pensamento, percepção ética mais aguçada e compõe-se principalmente pela crítica e criação. Na intenção de refletir sobre a dimensão criativa e crítica da filosofia, outras palavras nos visitarão, entre elas resistência, pergunta e sujeito.

Segundo Deleuze e Guattari (2000), criar conceitos novos é o objetivo da filosofia. Seu caráter criativo acha-se indissociável da dimensão crítica e interrogativa. Como criar se não se instala uma insatisfação com o que está posto? Para que criar senão para inaugurar uma diferença, algo até então impensado ou visto sob uma nova perspectiva? A filosofia, nesse sentido, amplia o rol do pensável e do possível.

Mas o que os filósofos criam? Certamente a criação filosófica é distinta da criação do artista plástico:

O conceito remete ao filósofo como aquele que o possui potencialmente, ou que tem seu poder ou sua competência, porque tem que ser criado... Para dizer a verdade, as ciências, as artes, as filosofias são igualmente criadoras, embora corresponda unicamente à filosofia a

criação de conceitos no sentido estrito. Os conceitos não estão a nossa espera prontos e acabados, como corpos celestes. Não há firmamento para os conceitos. É preciso inventá-los, fabricá-los, ou então criá-los (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p. 11).

O próprio conceito de conceito é criado pelos autores supracitados. Entre outras coisas, eles o definem como uma multiplicidade a ser criada, um duplo, um todo não universal, de perímetro irregular, fragmentário (Ibid., 25-47). Sendo assim, os conceitos não são proposições afirmativas da realidade, mas um acontecimento novo do pensar, uma erupção do não esperado, do imprevisível. Nessa direção Kohan; Leal; Ribeiro (2000, p. 40) ressaltam que

a criação de conceitos é apenas uma dimensão de nossa tarefa. Nos importa também explicitar, compreender, explorar, colocar em questão, problematizar os conceitos adquiridos, nem sempre refletidos. E fazê-lo de forma cooperativa, dialógica, criando juntos. A filosofia se empobrece quando praticada em solidão; é constitutivamente dialógica, tendo sempre, pelo menos duas vozes: a de quem fala e a daquele com quem, ou sobre quem, se fala.

Assim, o pensar filosófico criativo e coletivo culmina em novas e múltiplas idéias e possibilidades. E isto se torna possível à medida que abrimos mão da “segurança ilusória” de que somente aquilo que julgamos ser precioso, imprescindível e necessário deva ser transmitido, ensinado, explicado para, conseqüentemente, ser apreendido pelo outro. Portanto, é fundamental a abertura de espaços interativos, em que apareça a multiplicidade de vozes e de sentidos, e que estes sejam constantemente problematizados, uma vez que a filosofia é eminentemente dialógica.

A noção de crítica também se multiplica. Neste texto, nos interessa particularmente o que diz Max Horkheimer, filósofo alemão, um dos representantes da Escola de Frankfurt, e Michel Foucault, filósofo francês, pós-estruturalista. Para Horkheimer (1990, p. 289), a crítica

é o esforço intelectual e, em definitivo, prático, para não aceitar, sem reflexão e por simples hábito de idéias, as formas de agir e as relações sociais dominantes. Sua função principal é impedir que os homens se abandonem àquelas idéias e formas de conduta que a sociedade em sua organização atual lhes dita.

Nesse sentido, crítica relaciona-se com insatisfação, incerteza, inquietação em relação às verdades instituídas. Algo que caminha na mesma direção do que diz Michel Foucault. Para este filósofo, a crítica consiste em mostrar que as coisas não são tão evidentes como parecem. Criticar “é tornar difíceis os gestos fáceis demais” (FOUCAULT, 1981, apud KOHAN, 2000, p. 24). É romper com o óbvio, o herdado, o recebido pela tradição, é ser estrangeiro no mundo do cotidiano. A crítica caminha dessa forma, ao lado da resistência. Mas a que a filosofia procura resistir?

A Filosofia tem contribuído para que ocorra a resistência, entre outras coisas, à forma como o mundo se nos apresenta, à realidade como sendo natural, imutável ou imprescindível, às formas de pensar dominante e ao que pensamos que somos para que possamos ultrapassar os limites que nos impomos. Em tempos de globalização, quando impera uma tentativa de homogeneização cultural, a mimetização do dominador vai contribuindo para reproduzir crenças e valores que em última instância almejam o consumismo, o individualismo, a competição. E tudo parece ser absolutamente natural. A filosofia assume então uma importância inestimável à medida que problematiza a cotidianidade, aquilo que nos parece claro, familiar, pois a “compreensão familiar da realidade” é um empecilho à experiência do pensar filosófico.

Ao exercer a criticidade e a resistência, a filosofia pergunta. Coloca em questão os gestos simples demais, as crenças, os valores, as verdades, os dogmas. Ao interpelar, a filosofia não espera respostas definitivas que impeçam o livre fluxo do pensar. As respostas são sempre provisórias, parciais, contextualizadas historicamente e lembram a todo instante nossa incompletude, nos

disponibilizando a revisitar o que por ora nos foi possível pensar. Nesse sentido a pergunta da filosofia é também um perguntar-se, requer um comprometimento pessoal com o que está sendo colocado em questão.

E algumas perguntas são feitas inúmeras vezes por diferentes filósofos em diferentes tempos. Interessa-nos particularmente uma que é constantemente rerepresentada: *Quem sou eu? Quem somos nós?* Perguntas indispensáveis quando nos dispomos a pensar sobre o nosso cotidiano e a constituição daquilo que somos. As respostas a estas perguntas são divergentes e por isso podemos fazer uma opção teórica. Nossa escolha recai sobre autores que nos oferecem elementos para pensar e problematizar o processo de constituição da subjetividade, entendendo-nos como seres subjetivados, isto é, seres formados na relação com a família, as instituições, os meios de comunicação, as produções culturais.

“Quem sou eu para mim?” A pergunta é de Bernardo Soares e aparece no *livro do desassossego* (PESSOA, 1994, p. 101), enquanto Alberto Caeiro poeticamente responde: “Sou do tamanho do que vejo e não do tamanho da minha altura” (Ibid., p. 95). Foucault (2002), de certa forma entendendo aquilo que somos como bem disse Alberto Caeiro, nos afirma que o mais importante não é descobrir o que somos, mas rejeitar aquilo que somos, não nos submetendo ao que imaginamos de nós mesmos, pois isso restringiria nossa liberdade, nos sujeitando à nossa própria identidade. Então, o próprio sujeito carece da crítica e da criação para tornar-se constantemente outro.

Há uma irreverência nessa forma de pensar a filosofia. Irreverência que nos permite ousar, desestabilizar e desconstruir crenças, valores e conceitos. Para isso, é preciso “estar à espreita”<sup>1</sup>, isto é, interessar-nos em avistar algo que nos comova, nos perturbe, nos inquiete, que nos faça perguntar.

---

<sup>1</sup> O termo “à espreita” foi utilizado por Deleuze em uma entrevista à TV francesa em 1988 e apresentado recentemente pela TV Escola sob o título: O Abecedário de Gilles Deleuze.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *O que é a filosofia*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *Est – il donc important de penser?* Libération, 1981, p. 15, 18 – 24.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade*. O cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 2002.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade*. O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 2003.
- HORKHEIMER, Max. *Teoria crítica*. Buenos Aires: Amarrortu, 1990.
- KOHAN, Walter Omar, LEAL, Bernardina, RIBEIRO, Álvaro (orgs.). *Filosofia na escola pública*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- KOHAN, Walter. Fundamentos à prática da filosofia na escola pública. In: KOHAN, Walter; LEAL, Bernardina; RIBEIRO, Álvaro. (orgs.). *Filosofia na escola pública*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- LARROSA, Jorge. *La experiencia de la lectura – Estudios sobre literatura e formación*. Barcelona: Editorial Laertes, 1998.
- PESOA, Fernando. *Livro do desassossego*. Vol. II. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.